

A arquitetônica bakhtiniana como ferramenta para a compreensão dos textos verbais¹

The Bakhtinian architectural as a tool for understanding verbal texts

Nathan Fernandes Silva

Universidade Federal de Lavras

E-mail: nathan.silva@estudante.ufla.br

Resumo: Gêneros são enunciados que transitam nas esferas da atividade humana. No âmbito das esferas virtuais, temos o gênero discursivo blog: um importante material de análise no que se refere à arquitetônica, à variação linguística e ao preconceito linguístico. O presente artigo tem o intuito de analisar aspectos da arquitetônica do blog “80 Erros Gramaticais que fazem você parecer um idiota”, *corpus* desta investigação, pela perspectiva da arquitetônica bakhtiniana. Busca, também, apresentar a concepção de linguagem a partir da qual o pensamento do autor é construído. Além disso, expor partes do *corpus* que indiquem a relação entre a concepção de linguagem presente e a arquitetônica que circunda o texto. Desse modo, o estudo em questão é de grande pertinência, dada a relevância do tema.

Palavras-chave: Blog. Arquitetônica. Concepção de linguagem. Variação linguística. Heterodiscurso.

Abstract: Genres are statements that transit in human activity spheres. In the scope of virtual spheres, we have the discursive genre blog: an important analytical material with regards to architectural, linguistic variation and linguistic prejudice. The purpose of this article is to analyze architectural aspects of the blog “80 Grammatical Errors that make you look like an idiot”, corpus of this investigation, from the perspective of the Bakhtinian architecture. It also seeks to present language conception from which the author's thinking is built. In addition, corpus exposing parts indicate the relationship between the present language conception and the architectural language surrounding the text. Thus, the study in question is of great relevance, given the relevance of the theme.

Keywords: Blog. Architectural. Language design. Linguistic variation. Heterospeech.

1 Considerações iniciais

Cada ser humano tem o seu lugar único no mundo e seus valores são construídos em sua relação com o mundo. De acordo com Bakhtin (1993), essas relações acontecem no eu-para-mim, do outro-para-mim e do eu-para-outro, ou seja, a arquitetônica, conceito que se faz importante, pois nos concede uma metodologia que nos auxilia na compreensão dos textos verbais e não verbais.

Em um gênero discursivo e em um enunciado, temos alguns sujeitos e eles arquitetam diálogos em que cada sujeito é participante da cadeia de enunciados e trabalha sua respectiva arquitetônica, e, por fim, essas arquitetônicas também mantêm

¹ Trabalho desenvolvido sob orientação do Prof. Marco Antônio Villarta Neder.

uma relação.

Pautada na esfera dos textos virtuais, a escolha do objeto de análise do artigo apontou para o gênero discursivo blog, um gênero que responde ao gênero diário, e, no caso do blog escolhido, suscita o gênero autoajuda. Sabemos que os textos virtuais transitam por determinadas esferas, e o gênero discursivo blog apresenta características linguísticas que se aproximam dos diários pessoais, ou seja, mantém uma relação bem próxima com a língua falada, mas, dependendo do objetivo, a linguagem pode ser mais próxima da norma padrão.

O texto escolhido para o presente estudo apresenta algumas contradições ao mencionar, por exemplo, que “para ter crédito é preciso escrever corretamente os blogs” e que alguns “erros” fazem o futuro blogueiro “parecer um idiota”. Percebemos que o texto está dialogando com um modelo de blog mais prescritivo e que atualmente está em tendência um blog de autoajuda. A relação entre os sujeitos do blog é uma rica fonte de pesquisa no que tange aos fatores da arquitetura, da variação linguística, do preconceito linguístico, das concepções de linguagem e da heteroglossia. Sendo assim, o objetivo do artigo é relacionar os diálogos dos sujeitos do texto com os diálogos arquitetônicos que circulam no *corpus*, apresentar ao leitor a concepção de linguagem do autor do blog e problematizar alguns “erros” quanto a conceitos de certo e errado no decorrer do texto.

O autor do blog deixa bem claro no terceiro parágrafo que o objetivo do texto é mostrar melhores alternativas para a pessoa conquistar a liberdade profissional e independência financeira por meio do marketing digital e expõe um pensamento a respeito do leitor, apontando para o aprendizado de uma norma culta padrão para conseguir uma ascensão social.

Sabemos que um texto não é somente palavras grafadas gramaticalmente corretas, mas sim uma construção complexa de sentido e depende não só do autor, mas também do leitor. Recortar somente um dos aspectos do texto para posteriormente criticar um leitor e chamá-lo de “idiota” é um erro gravíssimo.

Percebemos, pela postura que assume durante o texto, que o autor do blog não possui um conhecimento social da língua e seu principal objetivo. Um texto tem uma finalidade, então, por exemplo, se um blogueiro quer fazer uma publicação sobre futebol, qual o problema em usar alguns vocábulos que são representações da língua falada no cotidiano? Se esse autor escrever uma publicação sobre futebol usando somente a norma padrão culta, o texto torna-se enfadonho, pois não se aproxima do repertório vocabular usado pelos espectadores/leitores de blogs sobre futebol. Em contrapartida, se um autor escrever para um blog de juristas, o uso da norma padrão culta é mais apropriado.

No livro *A Língua de Eulália*, Bagno (2001, p. 165) considera que o “falante culto é como alguém que tem uma quantidade bem grande de roupas, dos mais variados estilos, e na hora de se vestir vai escolher aquela que ele acha mais apropriada para a ocasião”.

Dessa forma, não existe um “certo e errado” para a língua, mas sim contextos que possibilitam o uso das formas mais formais ou informais. O autor do blog deveria apresentar um texto mais flexível, para que o leitor e futuro blogueiro consiga melhorar a sua variabilidade linguística dentro das possibilidades da nossa língua e

para que não se sinta um “idiota” por não escrever da forma como o autor do blog escreve.

Na próxima seção, iremos direcionar nosso foco para os aspectos teóricos que sustentam a análise do *corpus*, estabelecendo uma relação entre o *corpus* e a teoria bakhtiniana.

2 Quadro teórico/Discussão

O autor do blog, ao escrever seu texto, o destina a um público. Podemos observar que o leitor é supostamente uma pessoa que precisa de ajuda para "melhorar" seu nível gramatical na língua. A enunciação não seria possível sem o falante e o ouvinte, e a partir dessa enunciação se formam outras cadeias enunciativas. Dentro dessa enunciação específica, o falante e o ouvinte mantêm uma relação dialógica, e mesmo que pareça que o autor está falando sozinho, o ouvinte responde às enunciações e suscita outras respostas do autor. Segundo Voloshinov (2013, p. 1),

a linguagem humana é um fenômeno de duas faces: cada enunciação pressupõe, para realizar-se, a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte. Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas, quer sejam aquelas que se vão formando nas entranhas da nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre orientada para o outro, até um ouvinte, inclusive quando esse não existe como pessoa real.

Assim que temos a enunciação, podemos identificar a arquitetônica, que é o processo que permeia a enunciação, permitindo o enunciado se construir e se modificar. A arquitetônica, é simplesmente a percepção que o falante tem de si mesmo no processo da enunciação, a percepção que o ouvinte tem do falante e a percepção que o falante, no caso o autor do blog, tem do ouvinte, o leitor do blog. A arquitetônica é um fenômeno indispensável para qualquer enunciação, uma vez que, sempre que estivermos construindo e participando de um diálogo, estará presente, permeando o diálogo e construindo novas arquitetônicas. De acordo com Bakhtin (1993, p. 72),

é essa arquitetônica concreta do mundo real do ato realizado que a filosofia moral tem de descrever, isto é, não o esquema abstrato mas o plano ou desenho concreto do mundo de uma ação ou ato unitário e único, os momentos básicos concretos de sua construção de sua mútua disposição. Esses momentos básicos são eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro. Todos os valores da vida e cultura reais estão dispostos em torno dos pontos básicos arquitetônicos do mundo real do ato realizado ou ação: valores científicos, valores estéticos, valores políticos (incluindo tanto os éticos como sociais), e, finalmente, valores religiosos. Todos os valores espaço-temporais e todos os valores de conteúdo são atraídos para e concentrados em torno desses momentos centrais emocionais-volitivos: eu, o outro, e eu para o outro. Os enunciados se constituem, se modificam e circulam nas arquitetônicas.

Um texto acadêmico, um blog, uma conversa com os amigos, uma carta para

uma pessoa, uma mensagem no Facebook, são textos que se constituem por meio da arquitetura bakhtiniana. Ao reler o texto “80 Erros Gramaticais Que Fazem Você Parecer um Idiota”, pelo viés da perspectiva da arquitetura bakhtiniana, podemos observar diversas situações em que o autor interage com o falante, suscita uma resposta do ouvinte, e, a partir desta resposta, introduz um novo enunciado.

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado - da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico - tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar a sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 1997, p.275).

Ao elaborar uma enunciação, o autor do blog espera uma resposta do seu ouvinte, não é como se o leitor estivesse somente lendo o texto, ele está participando ativamente dessa cadeia enunciativa. O autor do blog não está em um monólogo, mas está se relacionando com um interlocutor, ou seja, mantendo um diálogo por meio da alternância dos sujeitos (a pausa que acontece no enunciado para que o falante insira sua enunciação no diálogo). Podemos observar no trecho “*Mas você sabe quais são os erros de portugueses mais graves e que, mesmo assim, muita gente comete?*” que o autor espera uma resposta e essa resposta é importante para a continuidade da enunciação. Também no final do texto - “*Você gostou desse infográfico sobre erros gramaticais?*” -, automaticamente o autor espera uma resposta do ouvinte, e, caso essa resposta seja afirmativa, suscita um novo texto abaixo indicando um novo material.

Logo em seguida, o autor defende que, para ser bem-sucedida, a pessoa deve escrever na forma padrão da norma culta, sem observar também o contexto do leitor, e que a língua escrita é a representação da fala. O autor não sabe que somos o produto da interação de várias arquitetônicas, o resultado de inúmeros diálogos dos quais participamos desde quando estamos inseridos no mundo, e que somos o resultado das enunciações das quais participamos.

Esse resultado da interação de várias arquitetônicas é o que o Círculo de Bakhtin intitula de heteroglossia, ou seja, as marcas linguísticas que adquirimos por meio da interação com o ambiente e os participantes dele.

Ainda Bakhtin, em “*Dialogic Imagination*”, salienta que

a heteroglossia é o produto da interação de várias vozes, que representa uma variedade linguística. A forma como interagimos com o outro carrega um contexto que são definidos pelo ambiente onde vivemos, juntamente com fatores sociais, como família, condição financeira e idade. (BAKHTIN, 1983, p.293)

Bakhtin (1997) afirma que, devido ao ambiente em que interagimos,

produzimos determinados tipos de enunciações. O autor do blog provavelmente não conhece esse fenômeno e acredita que todos devem escrever da maneira que ele escreve. O ambiente afeta as nossas enunciações, podemos ver o exemplo das irmãs Amala e Kamala (meninas lobo), que foram criadas longe do convívio social humano e não conseguiram se adaptar aos nossos contextos enunciativos, aprendendo apenas poucas palavras. O mesmo acontece, por exemplo, com um pedreiro que deseja escrever um blog para ajudar outros pedreiros na profissão. Se o pedreiro, desejando melhorar a escrita, encontra o blog que estamos analisando, se sentirá desprezado e “idiota”, porque o autor do blog não tem conhecimento do contexto linguístico do seu ouvinte.

A crítica feita pelo autor às pessoas que não usam a língua escrita de “maneira adequada” só é possível porque seu pensamento é formulado a partir de uma concepção de linguagem, uma concepção individual, começando pelo pensamento que, em seguida, é exteriorizado por meio da língua. Concepções de linguagem são formas de como a língua se reproduz na multiplicidade de enunciados da vida.

Segundo Geraldi (1984), existem três concepções de linguagem: a linguagem como expressão do pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como uma forma de interação social. Sendo assim, o blog em análise está situado na primeira concepção. Por esse motivo o autor assume uma postura enunciativa de uma pessoa capaz de ajudar o leitor a “melhorar” as habilidades gramaticais. Podemos observar essa postura por meio da entonação que ele adota no estilo da enunciação que se dá na relação com o ouvinte. O leitor jamais se iguala ao autor nesse contexto enunciativo, ele tem o seu lugar próprio. O autor assume uma postura de tutor e o leitor de aprendiz.

Segundo Voloshinov (2013, p. 16),

o tom principal do estilo de uma enunciação se determina, desta maneira, em função da pessoa de quem se trata e em que relação se encontra com o falante: se é superior, inferior ou igual a este na escala da hierarquia social. Rei, pai, irmão, escravo, companheiro, enquanto heróis de uma enunciação determinam também sua estrutura formal.

Adentrando a estrutura do texto e entendendo os lugares da fala dos participantes da enunciação, podemos compreender o sentido do texto e porque o autor e o leitor assumem suas respectivas posturas dentro dessa cadeia enunciativa. Podemos entender porque o autor se considera uma autoridade no assunto e porque considera o ouvinte como um aluno (sem luz).

Dando sequência ao desenvolvimento de nossa pesquisa, apresentaremos algumas características e funções do gênero blog.

3 O Gênero Discursivo Blog

Com o surgimento e a popularização da internet, manifestaram-se novas práticas discursivas, entre elas, o gênero discursivo blog. O blog é um espaço virtual que permite aos usuários discutirem vários assuntos, expondo suas opiniões.

Segundo Ormundo (2004, p. 69),

as narrativas publicadas nos blogs expõem fatos do cotidiano, vida pessoal, preferência musical, cinema, teatro, textos literários, poesias, crônicas, comentário de livros, situações polêmicas, relatos de acontecimentos íntimos e assim por diante, por meio de um processo dialógico e uma pluralidade de uso das linguagens.

O blog, por ser um gênero discursivo que circula no cotidiano, pode ser redigido por pessoas de variadas faixas etárias, níveis escolares e socioeconômicos. Então, temos uma heterogeneidade quanto ao uso da língua nesse gênero, podendo variar de estilos de linguagem mais monitorados a estilos de linguagem menos monitorados.

Segundo Ormundo (2004, p. 69),

os textos construídos nos blogs caminham para uma desconstrução de abordagens narrativas situadas no universo da modernidade, impondo uma mudança de paradigma no trato com a linguagem e abandonando os modelos tradicionais. Além disso, abrem espaço para a compreensão das novas formas de organização das linguagens em uma sociedade pós-moderna.

Avançaremos à análise do *corpus*, observando mais de perto as arquitetônicas que circulam no texto e respondendo às enunciações do autor sobre o que ele considera erro.

4 Análise

A análise do *corpus* acontecerá como um cotejo, com o objetivo de justificar a concepção de linguagem em que o texto está inserido, as arquitetônicas que o circundam e o tipo de análise gramatical que o autor utiliza para justificar seu pensamento.

O idioma oficial do Brasil é a Língua Portuguesa e essa língua passou e passa por vários processos históricos e regionais, possibilitando às comunidades falantes variações linguísticas. A língua portuguesa falada na região sul de Minas Gerais é diferente da língua portuguesa falada na região norte do mesmo estado. O autor, ao prescrever um infográfico para seus leitores aprenderem a escrever blogs de acordo com a gramática tradicional, limita a principal função da língua, que é a comunicação.

A variação linguística é um fenômeno natural da língua, já a gramática normativa é uma tentativa de prescrever as regras da língua. A gramática normativa discrimina qualquer tipo de variação linguística, e, no infográfico, o autor apresenta explicações sobre o uso de alguns vocábulos com base na gramática normativa, por exemplo, na seção Verbos, item 33: “Adequar é um verbo defectivo, ou seja, não se conjuga em todas as pessoas e tempos. No presente do indicativo são conjugadas apenas a primeira e a segunda pessoa do plural (nós adequamos, vós adequais)”. Sendo assim, o autor baseia-se em uma gramática que tenta padronizar a língua, excluindo qualquer possibilidade de mudança/adequação das palavras em diferentes

contextos.

Na seção “EXPRESSÕES”, o autor apresenta exemplos como: “Correr atrás do prejuízo/Correr atrás do lucro”, “A cores/Em cores”. Essas expressões são utilizadas em estilos menos monitorados de fala, e uma das funções do gênero blog é expor fatos do cotidiano. Sendo assim, qual a finalidade de redigir textos padronizados totalmente fiéis à norma padrão culta? Qual a finalidade, por exemplo, de uma senhora de 60 anos usar a norma padrão culta para escrever seus blogs de receita?

O autor não tem conhecimento de que os falantes naturais de uma língua adquirem regras gramaticais desde crianças e que essa gramática internalizada permite ao falante produzir sentenças coerentes. Se essas pessoas cometem pequenos “erros” na parte escrita da língua, é que somente não estão adequadas à norma padrão culta, e nem por isso são “idiotas”. Talvez assustaria o autor saber que uma pessoa analfabeta consegue usar todas as regras gramaticais da língua.

Para um estudante de Letras, a relação com o texto e seu autor é diferente da relação entre um leitor adolescente, por exemplo.

No livro *O Freudismo* (publicado em 1927), Voloshinov (*apud* WEEDWOOD, 2002, p. 153) afirma que “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Ou seja, o autor assume a posição de ensinar ao leitor as regras gramaticais e ele se vê nessa posição (o eu-para-mim), e o leitor é um sujeito que busca uma ajuda para evoluir sua escrita (também a posição eu-para-mim). O autor vê o leitor (o outro-para-mim) como uma pessoa “idiota” que precisa aprender as regras gramaticais para conseguir uma ascensão social, e o leitor vê o autor (o outro-para-mim) como alguém capacitado, que vai ajudá-lo a melhorar a escrita. A partir da entonação do autor, o leitor nessa relação dialógica se sente uma pessoa incapaz e “idiota” porque é possível que em alguma outra relação dialógica tenha cometido um dos 80 erros (o eu-para-outro) e, ao assumir essa postura inferior ao autor, o autor do blog passa a ser um “deus da gramática” (também o eu-para-outro).

No top 10 *Os Principais Responsáveis Pelas Desilusões Ortográfico-Amorosas*, o terceiro item são as palavras Agente / A gente. O autor separa entre certo e errado por meio da semântica, análise que está correta; porém, ao pronunciarmos as palavras em análise percebemos que são palavras homófonas, ou seja, têm a mesma pronúncia, mas são escritas de modo diferente, e seu significado também é diferente.

O autor utiliza as classes gramaticais para justificar os “erros”, usando apenas o critério semântico para análise. Porém, de acordo com Câmara Jr. (1986), a análise somente por um critério é uma análise incompleta. Classes gramaticais não são “caixinhas fechadas”, ou seja, os vocábulos podem transitar entre classes gramaticais facilmente, dependendo da posição na frase. Porém, o autor apresenta uma concepção pré-definida das palavras, por exemplo, no item 32, em que ele diz a seguinte frase: “O verbo assistir admite as duas formas, mas para significações diferentes”, se ele optasse por uma análise sintática perceberia que nem sempre o vocábulo “assistir” tem a função de verbo, por exemplo, na frase: “O assistir do pôr do sol”, analisando sintaticamente essa frase o vocábulo assistir atua como substantivo, sendo o sujeito da frase. Qualquer tentativa de classificação excessivamente rígida nos níveis fonológico,

mórfico e sintático são suscetíveis a equívocos teóricos, pois as fronteiras entre essas classificações são instáveis.

No final do infográfico, o autor deixa um link disponível para baixar o infográfico em alta resolução. Ao abrir o link, encontramos a seguinte frase: “Baixe o infográfico abaixo e saiba como evitar os erros mais bobos e comuns que fazem a gente parecer um idiota quando escreve algo errado. Melhore sua escrita hoje mesmo e seja mais reconhecido”. Podemos notar que, a partir das escolhas lexicais que o autor faz, ele legitima seu discurso do preconceito linguístico. Ao lado desse texto, há uma imagem de um animal, um burro. Podemos perceber, então, que o autor considera o leitor (o outro-para-mim) uma pessoa desprovida de inteligência, que precisa de ajuda gramatical para escrever.

5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi contribuir para a compreensão da construção dos textos verbais por meio da arquitetura bakhtiniana e das concepções de linguagem. Explorar o interior do texto que parece ser um simples blog e justificar o desenvolvimento do pensamento preconceituoso do autor.

Acreditamos que, ao utilizarmos a arquitetura bakhtiniana para entender as relações enunciativas presentes no texto, podemos ter uma maior compreensão do objetivo do texto, ampliando a percepção do leitor quanto às relações dialógicas, mesmo quando o falante dialoga com ele mesmo. Além disso, a compreensão das cadeias enunciativas dos gêneros, que também são enunciados que respondem e suscitam outros gêneros, pode ser ampliada.

A problematização da noção de “erro” do autor do blog permitiu o conhecimento do tipo de critério de análise gramatical que ele utiliza e quais outras análises são mais eficazes. Além disso, possibilitou olhar para os “erros” de forma contrária à do autor do blog, que sempre traz um vocábulo isolado e depois classifica esse vocábulo gramaticalmente baseado somente em um critério de análise.

Finalmente, conseguimos identificar e explicitar ao leitor as arquitetônicas que circundam o blog. Apresentamos a concepção de linguagem a partir da qual o pensamento do autor é construído, legitimando um discurso preconceituoso e sem conhecimento da função comunicativa do gênero blog. Também relacionamos os diálogos dos sujeitos do texto com os diálogos arquitetônicos que circulam no *corpus*, além de problematizar a noção de “erro” que o autor apresenta.

Referências

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa* [1970]. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal* - gêneros do discurso. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination*. Trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. University of Texas Press Austin and London: Michael Holquist, 1983.

BAKHTIN, M. M. *Palavra própria e palavra outra: a sintaxe da enunciação*. Org.: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

ORMUNDO, Joana. Comunicação mediada pelo computador: blog-gênero discursivo emergente. *Cadernos de linguagem e sociedade*, v. 7, p. 67-82, 2004.

VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. [Tradução de Fabrício César de Oliveira e Valdemir Miotello] In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOSHINOV, V. N. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.